

Tráfico de mulheres em Portugal

MAIS DE METADE das mulheres vítimas de tráfico para fins de exploração sexual, em Portugal, chegam do Brasil e não ficam mais de seis meses no mesmo sítio, de modo a não criarem laços. É no Porto, Lisboa, Aveiro e Algarve que encontramos o número mais elevado de mulheres exploradas.

Estas são as conclusões de um estudo apresentado esta semana por Madalena Duarte, socióloga e investigadora do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. De acordo com a mesma responsável, o estudo completo será apresentado em Junho de 2007, uma vez que está ainda em curso, não tendo por isso dados quantitativos sobre a matéria.

No entanto, os resultados intercalares divulgados esta terça-feira, em Lisboa, já permitem revelar alguns aspectos deste fenómeno, que começou a ter maior expressão no País em 2001. A investigação deste tipo de crimes, adiantou a socióloga Madalena Duarte, não é fácil porque estas redes têm um elevado grau de adaptação e de flexibilidade. Além disso, as mulheres têm uma grande rotatividade, “andam entre Portugal e Espanha para não criarem laços de fidelidade, sublinhou a especialista. A maioria das mulheres são de nacionalidade brasileira e trabalham, essencialmente, em bares de alterne, mas os investigadores também encontraram registo de mulheres da Europa do Leste e da Nigéria usadas na chamada prostituição de rua. Por outro lado, concluiu-se que há uma diferença entre as mulheres recrutadas a leste e as brasileiras: as redes de tráfico de mulheres brasileiras são artesanais, enquanto que as de leste são organizadas e violentas.

Os resultados intercalares da investigação permitem ainda aferir que há uma grande discrepância entre o número de investigações e o número de casos que vão a julgamento. “

As pessoas têm medo e não querem. Estamos a falar de mulheres que estão assustadas, que foram sujeitas a violência física e psicológica e que são alvo de chantagem”, considerou a especialista. |
